

Violência Discursiva: O poder simbólico na conversação sobre Dominação e Gênero nos sites de rede sociais

Suélen A. Freda¹

¹ Centro de Educação e Comunicação - Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
CEP: 96010-280 - Rua Almirante Barroso, 1202 – Pelotas - Brasil

suelenafreda@gmail.com

Abstract. *This article focuses on the discursive violence and the symbolic violence propagation through discourse on social networking sites. The objective is to analyze the mechanisms by which the relation of symbolic power and the relation of domination are exposed and reinforced in Facebook through content published by fanpages about the applications. Data from two fanpages was submit to bring evidences to this discussion - "Não aguento quando" and "Tubby App", where one post of each is going to be analyzed and its comments through of Computer-mediated Discourse Analysis (CMDA).*

Resumo. *O presente artigo foca a violência discursiva e na propagação da violência simbólica através do discurso em sites de rede social. O objetivo é analisar os mecanismos através dos quais a relação de poder simbólico e relação de dominação são expostos e reforçados no Facebook, através de conteúdos publicados por fanpages sobre aplicativos. Para trazer evidências para esta discussão, apresentamos dados de duas fanpages "Não aguento quando" e "Tubby App" onde analisaremos uma postagem de cada e seus comentários através da Análise do Discurso Mediado pelo Computador (CMDA).*

1. Introdução

O crescimento do uso do Facebook no Brasil¹ nos últimos anos permitiu a transferência de contextos e práticas históricas para os novos processos de comunicação e para os discursos nas redes sociais online. Este artigo busca explorar uma dessas práticas: o uso do Facebook, mas especificamente as fanpages, como ferramenta discursiva que é capaz de propagar a violência simbólica. Para esta discussão, escolhemos focar em duas fanpage, "Não agüento quando" e "Tubby App" onde foram escolhidas duas postagens que falam sobre dois aplicativos o Lulu e o suposto Tubby (este último não chegou a ser lançado). A hipótese que guia o trabalho é a violência discursiva onde a quebra das normas de polidez ocasiona práticas de poder simbólico e dominação masculina.

2. Sites de Redes Sociais e Aplicativos

¹ O Facebook hoje congrega mais de 65 milhões de usuários brasileiros e o Brasil contabiliza a segunda maior população dos mais de um bilhão de usuários da ferramenta no mundo (Fonte: Social Bakers, 2012)

Na internet, as redes formadas por atores e conexões (Recuero, 2009 e 2012) possuem maior visibilidade através dos sites de redes sociais. Espaços que se caracterizam por persistência, buscabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade (Boyd, 2007, *apud* Zago, 2013). No Facebook², a representação é feita através do perfil ou pela fanpage, onde de forma apropriada reuni pessoas com um interesse em comum. O Facebook também libera um “login universal”, o Facebook Connect, ligando as contas onde os usuários podem logar em site terceiro, neste caso a ser analisado, os aplicativos. Neste trabalho não analisaremos os aplicativos em si, mas faremos uma breve análise sobre postagens de fanpages relacionados aos aplicativos Lulu e Tubby.

O Lulu³ é um aplicativo gratuito lançado em fevereiro de 2013 que pode ser baixado na App Store ou no Google Play. O Lulu é um aplicativo que permite que as mulheres avaliem os homens que conhecem, no anonimato. Elas respondem perguntas sobre humor, bons modos, ambição, comprometimento, aparência e ainda podem apontar qualidades e defeitos. No fim, o aplicativo dá uma nota para o avaliado, que fica visível para outras mulheres. O Lulu funciona como todos os apps que usam o Facebook Connect. Então cada vez que uma mulher faz o registro na ferramenta, ele importa os dados dos contatos que ela tem no Facebook. Os homens que não querem ser avaliados podem pedir através do site para retirarem o seu perfil do aplicativo. O Tubby⁴ foi o suposto aplicativo que seria lançado no final de novembro de 2013, seguindo a mesma linha de avaliação do Lulu, o app seria disponibilizado somente para os homens a fim de avaliar as mulheres de forma anônima. O suposto app gerou diversas discussões sobre ser inapropriado. Entretanto, os criadores do aplicativo revelaram que o lançamento do app nunca existiu e, na verdade, se tratava de uma campanha para conscientizar as pessoas dos limites da exposição da intimidade e dos riscos da violação da intimidade, de acordo com um vídeo⁵ publicado no YouTube pelos criadores.

3. Polidez e Ameaça a Face

Sobre as interações nas fanpages os conceitos de polidez, trabalho de face e ameaça a face do autor Erving Goffman guiam este trabalho. O conceito de “face” se refere ao um conjunto de valores aprovados socialmente, imagem positiva que é construída durante as interações, formando normas sociais (Goffman, 1967). Essas normas sociais de interação que ao autor apresenta tratam-se da Polidez, ritual para preservar a manutenção da interação face a face, no caso “trabalho de face”. Porém, em tais ocasiões o indivíduo cuja representação tenha sido desacreditada pode se sentir constrangido enquanto os outros presentes podem tornar-se hostis gerando um colapso no sistema social da interação face a face, ocasionando então o que (Goffman, 1967) chama de ameaça a face.

4. Violência Simbólica e Dominação Masculina

² <https://www.facebook.com>

³ Site do aplicativo Lulu: <http://company.onlulu.com/br/deardude>

⁴ Site do aplicativo Tubby: <http://www.tubbyapp.com/>

⁵ Link para o vídeo que os criados do Tubby disponibilizaram para apresentar a proposta do falso app: <http://www.youtube.com/watch?v=DDbNnwRLqhA>

Bourdieu (2000), fala da naturalização da violência simbólica que tem poder de efeitos reais aparentemente sem gastos de energia, uma delas é a dominação masculina. Esta dominação simbólica e história acontecem através da divisão entre os sexos que parece estar “na ordem das coisas”. (Bourdieu, 2004) diz que ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas, em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e no habitus dos agentes. Segundo (Bourdieu, 2004) a relação entre os dominados perante os dominantes podem desencadear de duas formas. A que vamos analisar neste trabalho é através da vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa. A dominação masculina que constitui as mulheres como objetivos simbólicos têm por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica (Bourdieu, 2004).

5. Metodologia

O trabalho proposto tem como objetivo observar como o poder e a violência simbólica são reproduzidos nos sites de rede sociais através da dominação de gênero. Portanto, escolhemos por aplicar o método lingüístico proposto pela Susan Herring (2004; 2012). O método Computer-Mediated Discourse Analysis (CMDA) tem por objetivo pensar nas relações mediadas pelo computador e como elas significam através dos níveis.



Tabela 1: Níveis da CMDA, adaptado de Herring (2004: 2012)

Nível	Questões	Fenômeno	Métodos
Estrutura	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero e etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística etc.
Sentido	Qual é a intenção O que é comunicado O que é realizado	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc.	Semântica e pragmática.
Interação	Interatividade tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas e etc.	Análise da Conversação e etnometodologia.
Comportamento Social	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.

<p>Comunicação Multimodal</p>	<p>Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia e etc.</p>	<p>Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc.</p>	<p>Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc.</p>
--------------------------------------	---	--	--

6. Análise

Tabela 2: Quadro de identificação de cada elemento

Nome	Imagem	Texto	Curtidas	Compart.	Coment.
Post 1		<p>Frase 1: Revanchismo ou Igualdade? Frase 2: #dásono Frase 3: #bompartido Frase 4: #lavaepassa</p>	183	18	160
Post 2		<p>Frase 1: Mulheres Frase 2: Se vocês estão com muito medo do que fizeram no verão passado, já podem se descadastrar.</p>	355	193	395

a) Estrutura e Sentido: a postagem 1 é composta pela pergunta “revanchismo ou igualdade?” servindo como norma social como forma de guiar a discussão, referente à quais questões serão temporariamente atacadas (Goffman, 1967). A imagem também é composta pelas hashtags “#dasono #bompartido #lavaepassa”. Demonstrando alguns atributos disponíveis para avaliação onde às audiências invisíveis (Body, 2007, *apud* Zago, 2013). A postagem 2 é composta pela palavra “Mulheres” e após a frase que apresenta uma associação de forma irônica ao filme e terror “Eu sei que vocês fizeram no

verão passado⁶”, como uma forma sutil de ameaça. Conseqüentemente, esse tipo de comportamento ocasiona a dominação simbólica de (Bourdieu, 2004), onde a dominação masculina que constitui as mulheres tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, logo, com medo de terem a sua face ameaçada (Goffman, 1967).

c) Interação: A interação na postagem é feita através de três elementos: curtidas, compartilhamentos e comentários. Esses elementos permitem a persistência, buscabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade do conteúdo (Body, 2007, *apud* Zago, 2013). Porém, é nos comentários onde existem espaços para o discurso e questionamentos.

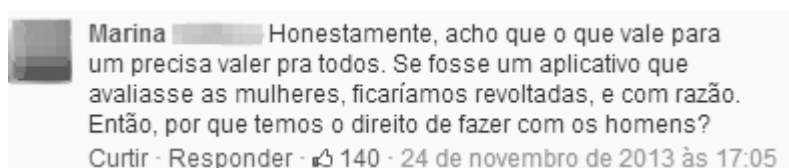


Figura 1: Comentário da postagem 1

Entretanto, notamos que o comentário que recebeu uma maior legitimação carrega a idéia em não apoiar o uso do aplicativo, argumentando e preservando a “manutenção da face” (Goffman, 1967). Outra observação para este comportamento na interação seria pela dominação da presença de usuários com identificação feminina, que compartilham das mesmas ideias. Neste caso, um grupo mais homogêneo presente na rede do que o grupo analisado na postagem a seguir. No caso da postagem 2 muitos dos comentários femininos tende a atribuir valor negativo à postagem, mesmo sendo um aviso para descadastramento, pois alegam que mesmo com a opção não conseguem sair do aplicativo. Na figura abaixo vimos o comentário de reprovação sobre o app, feito pelo um perfil de representação feminina. O comentário mostra a dependência e poder simbólico, (Bourdieu, 2000; 2004), entre a relação dos dominados perante os dominantes. Podendo desencadear na formas: vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa (Boudieu, 2004).

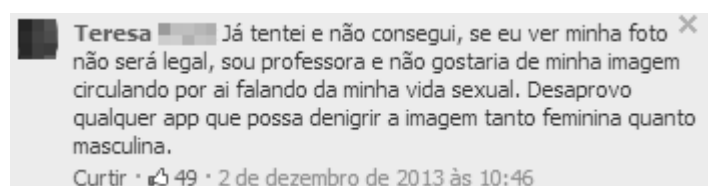


Figura 2: Comentário da postagem 2

d) Comportamento Social: no discurso da postagem 1 a grande maioria são mulheres e presenciamos a repetição de algumas palavras, por exemplo: “objetivação, injusta, sexualidade, privacidade, exibição, feminismo, igualdade, ofensivo, machismo, vingança”, entre outros. As palavras citadas demonstram o debate sobre a violência e dominação simbólica (Bourdieu, 2004), mesmo não carregando estes nomes específicos. Na postagem 2, observa-se um reforço e legitimação de estereótipos de dominação,

⁶ Trailer do filme Eu sei o que vocês fizeram no verão passado:
<http://www.youtube.com/watch?v=4h8lOKujadk>

através da violência simbólica. O poder simbólico (Bourdieu, 2000) é exercido pelos sujeitos que propagam e que são, ao mesmo tempo, vítimas e agressores da violência simbólica do sentido construído.

e) Comunicação Multimodal: em ambas as postagens os exemplos de multimodal apresentam-se em formas de links externos, memes e tags marcando outros usuários.

7. Considerações

Este artigo buscou discutir de forma qualitativa a violência discursiva através do poder simbólico na conversação sobre dominação e gênero nas fanpages “Não aguento quando” e “Tubby App”. Análises baseadas em observações qualitativas, a fim de observar os discursos nas interações que articula o poder e violência simbólica. Observamos que existem diferenças nos discursos conforme a característica das fanpages e o nível de homogeneidade dos grupos. Entretanto, ambas as postagens por se referir aos aplicativos também possuem as suas semelhanças, por se tratar de avaliações anônimas que podem ameaçar a face. Todos os discursos persistem na rede e podem ser buscáveis, essas buscas podem ser feitas por perfis que representam as audiências invisíveis, aquelas tem quem acesso, mas não enxergamos. Contudo, esses materiais com atributo muitas vezes negativo e violento pode ser reuplicado para mais usuários terem acesso às informações.

References

- Bourdieu, P. (2000). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu. P. (2004). A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kuhner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Goffman, E. (1967). A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Herring, S. (2004 e 2012). C. Computer-mediated discourse. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>> (Acesso em novembro de 2013).
- Recuero, R. (2009). Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero. R. (2012). A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- Zago, Gabriela da Silva. (2013). Da Circulação à Recirculação Jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter. In: Primo, Alex (Org). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina. (pp. 211 - 231).